

MEMÓRIAS E PRÁTICAS DE UMA PROFESSORA NEGRA DA ROÇA

Ana Maria Anunciação da Silva¹
Antonio José de Souza²

¹ Professora da Educação Básica do município de Ichu (BA), no Colégio Santo Antônio. E-mail: annaichu@hotmail.com.

² Professor da Educação Básica do município de Itiúba (BA). Doutorando do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea (UCSal). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). Professor-orientador da primeira autora. E-mail: tonnysouza@gmail.com.

Resumo: Neste relato de experiência, a primeira autora apresenta parte de suas memórias enquanto mulher negra da roça, entrelaçando-as com as vivências e práticas sociais, entendidas como uma teia em construção. Desse modo, a partir da abordagem (auto)biográfica, a narrativa é apresentada em primeira pessoa, explicitando a vivência nos aspectos identitários da cor negra, da classe social e da prática pedagógica na Educação do/no Campo/roça. Trata-se de um texto crítico, problematizador e propositor no sentido de como a escola do/no campo/roça e comunidade podem construir um currículo que entrelace os saberes, fazeres, a história e as identidades dos seus povos. O mencionado relato é parte de um estudo maior, orientado pelo segundo autor.

Palavras-chave: Identidades, docência, educação do/no campo/roça, relato de experiência.

1. Prólogo, meu contexto

Sou filha, neta, bisneta e tataraneta de agricultores(as) negros(negras). Aprendi desde cedo, através das vivências afro-sertanejas, a pisar o milho no pilão, domesticar a mandioca, bater o feijão na vara, despalar o milho, limpar a cacimba, tecer a palha do ariri, buscar a lenha e a água na cabeça por caminhos longínquos, fabricar candeeiro, machucador de feijão, cobertor e adobes para fazer um puxadinho na casa; definitivamente, um emaranhado de criatividade, principalmente durante os períodos de estiagem. Essas vivências corroboraram, de forma significativa, para que eu percebesse a proximidade das minhas raízes ancestrais, atreladas às lutas sociais e ao meu ser/fazer docente em um território que têm especificidades próprias e uma “antropologia ecológica” particular. Essa indissociabilidade coaduna com a fala de Malvezzi (2007, p. 9) sobre o semiárido brasileiro não ser “[...] apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só.”. À vista disso, esse relato traz a perspectiva da minha memória que é “[...] um elemento essencial

do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje [...]” (LE GOFF, 2013, p. 435, grifo nosso). As minhas identidades estão ligadas às memórias ancestrais e ao viver e sobreviver na caatinga/roça, que, para Rios (2011, p. 13), é uma “[...] ruralidade [...] envolta, principalmente, na semiótica da terra [...]” que, sobremaneira, tem um papel estruturante na constituição das identidades.

A partir da abordagem (auto)biográfica essa narrativa, foi tecida sob os aspectos identitários da cor negra, da classe social e da prática pedagógica, um texto crítico, problematizador e propositor no sentido de oferecer pistas de como a escola do/no campo/roça e comunidade podem construir um currículo que entrelace os saberes, fazeres, a história e as identidades dos seus povos. Além das minhas vivências no campo/roça, apresento o relato de uma das experiências pedagógicas que desenvolvi no Colégio Santo Antonio, localizado na região rural da minha cidade – Ichu – que faz parte do Território do Sisal, estado da Bahia. Trata-se, portanto, de um entrelace entre o “concebido, percebido e vivido” (SOUZA; SOUZA, 2020); nesse sentido, a minha prática docente é atravessada pela reflexão que eu faço do tempo de aluna, na tenra infância, estudando numa escola de classe multisseriada de currículo alheio aos meus contextos e com “[...] sérios inconvenientes referentes à estrutura física, à composição das aulas, marcadas pelo improvisado [...]” (SOUZA, 2018, p. 93), mas, principalmente, era uma escola multisseriada marcada pelo descaso do Poder Público. Eu fui, enquanto aluna, carregada de “[...] expectativa de novos conhecimentos, mas também o anseio de [...] [enxergar minhas] culturas e identidades acolhidas, dignamente naquele espaço.” (SOUZA, 2016, p. 90).

No rito de passagem da escola da roça para a escola da cidade, eu tive as minhas identidades negra e da roça reveladas e rechaçadas. Sofri com os estranhamentos, risos, piadas e apelidos colocados por conta de minhas vestes simples, de meus materiais escolares inferiores e insuficientes e de meu cabelo “duro”, “bombril”, “vassoura” e “ruim”. Foi difícil, ouvir o repertório depreciativo sobre a minha estética negra e o meu ser da roça (SILVA; SOUZA, 2020). Por consequência, eu compreendo a escola como uma instituição ampla, capaz de manter viva as culturas afro-sertanejas, valorizando o processo educativo que acontece, também, pelas histórias de vidas dos(as) estudantes e seus familiares, repercutindo na memória comunitária.

2. A experiência naquela Casa de Farinha

Eu sou uma professora-pesquisadora-agricultura (a ordem em que as palavras estão dispostas não sugere uma hierarquia) que nunca deixou de viver no campo/roça, cultivando a terra, isto é, vivo na tessitura entre ensino, pesquisa e extensão, esforçando-me para constituir um fazer pedagógico crítico e humanizado, afinal, não vejo outro modo de uma professora negra e da roça exercer sua docência senão a partir de um engajamento político. Assim, envolta nas lembranças, escrevo problematizando o “silêncio” da sociedade e, conseqüentemente, da escola e rememorando o “esquecimento” histórico, responsável por aleijar as vivências e as culturas afro-sertanejas que se referem à “[...] tudo que caracteriza a existência social [desses povos].” (SANTOS, 1994, p. 24).

Rememoro, através deste relato, a experiência que tive a partir de uma aula prática que se desdobrou em ação pedagógica e política, intitulada: *As potencialidades e os desafios das Casas de Farinha na Comunidade de Barra, Ichu (BA)*. Antes da execução com os(as) alunos(as) - em sua maioria negra, entre seis e dez anos de idade - eu realizei uma pesquisa exploratória, dialogando e colhendo narrativas dos(as) moradores(as) do lugar, a fim de conhecer o contexto histórico da Comunidade. E, na coleta dos dados, observei que as Casas de Farinha daquele território estavam desativadas, quer dizer, existia apenas uma. Tal realidade acontecia (e acontece) por várias razões, mas, fundamentalmente, pela questão agrária, melhor dizendo, pela falta de terra para plantar.

Após esse levantamento, estabeleci contato com a proprietária da Casa de Farinha em funcionamento – aqui nomeada Dona Resistência; uma mulher negra que, com criatividade e resiliência, tornou-se guardiã da memória de um símbolo importante do campo/roça. Dona Resistência buscava alternativas para plantar, cultivar, colher, domesticar a mandioca e armazenar os seus derivados, além disto, conservava viva a “lida árdua” que se constitui em conhecimentos genuínos, capazes de unir gerações e transferir legados de práticas e de saberes. Refiro-me à “semana da farinhada”, permeada pelas noites de luas cheias, pelo divertimento ao som das sanfonas, pelo aconchego em esteiras de palhas, pela divisão responsável do trabalho, pela observância e o cumprimento das tarefas no tempo combinado; pelos almoços coletivos sob as frondosas árvores, pelos “causos”, cantigas, adivinhações, lendas, receitas agroecológicas criativas e aquele cheiro bom do beiju recheado com coco e rapadura e enrolado na palha da bananeira. Foi pensando nas amplas possibilidades do estudo da temática e da sua grande importância no contexto sociocultural e econômico do meu município que eu organizei e apliquei a atividade no dia 11 de outubro de 2019. Fiz, também, por acreditar que tais conhecimentos não alcançaram os meus(minhas) alunos(as) em função da desativação das Casas de Farinha e por não terem

eles(elas), crianças com pouca idade, testemunhado a rotina da “semana da farinha”. À vista disso, reconheço que as ausências provocam o desperdício da experiência (SANTOS, 2002).

Então, achei oportuno começar a atividade pedagógica apresentando aos meus(minhas) alunos(as) os dados da pesquisa exploratória, parte das minhas experiências e memórias resgatadas na Casa de Farinha. O que me fez entender que os demais alunos(as) da escola também deveriam participar da atividade, por isso, apresentei a proposta à escola. As colegas professoras decidiram participar, assim, dirigimo-nos à propriedade da Dona Resistência. Durante o trajeto, os(as) estudantes celebravam entre pulos, algazaras e risos o encantamento pelas paisagens de sempre e todo dia: o rio, as flores, as plantas, os pássaros e as borboletas, pois, ainda faziam novas descobertas.

Dona Resistência, esperava-nos no terreiro. Os(as) alunos(as) estavam inquietos(as) e eufóricos(as), porque queiram entrar na “fábrica” de farinha como eles nomearam. Ao adentrar, ficaram encantados(as) com o cenário rústico. A curiosidade foi tanta que eles(elas) fizeram uma verdadeira “sabatina” com Dona Resistência. Ali, enquanto perguntavam e ouviam, também, passeavam, contemplavam o espaço; queriam entender tudo, cada função de cada “peça/aviamento/equipamento” construído com barro e/ou madeira pela criatividade ancestral. Foi uma aula memorável, linda, significativa por tudo o que observaram, conheceram, tocaram e escutaram. No retorno da aula-passeio – como eles chamaram –, orientei-os(as) a falarem de forma espontânea sobre as percepções que tiveram e do que tinham gostado. Sugerir que fizessem desenhos para apresentá-los no momento seguinte. Para casa solicitei, como atividade, que contassem/falasses/partilhassem os saberes construídos naquela aula com a família e juntos pesquisassem receitas com derivados da mandioca. Na verdade, eu almejava que acontecesse uma revisitação às lembranças, mas, agora, no seio familiar.

Felizmente, tive o retorno esperado através das muitas possibilidades de receita. Na continuação da sequência didática, fizemos a apresentação das receitas pesquisadas/estudadas; escrita e leitura compartilhada e como encaminhamento, se fosse possível, a feitura de uma destas receitas, visando expô-la na devolutiva – momento do desfecho da atividade pedagógica – que envolveu toda Comunidade Escolar. No dia da devolução, entre outras presenças, estava Dona Resistência que fora convidada para celebrar os resultados da atividade conosco. Nesse dia, eu levei um painel ilustrativo com fotos da aula-passeio-visita e um outro contendo as etapas da domesticação da mandioca, desde a retirada da raiz da terra até o beiju no forno. Para apresentar aos(às) estudantes

os produtos que derivam da mandioca, montei uma exposição com: o caule, as folhas, as cascas, as raízes, a crueira, a manipueira, a goma, a massa fresca, a farinha, a tapioca e o próprio beiju.

Foi desafiador transportar tais elementos de casa para a escola, contudo, era preciso, porque uma das aulas planejadas não aconteceu, justamente a que tinha por objetivo visitar as plantações de mandioca e uma Casa de Farinha em funcionamento – ambas – em uma outra Comunidade do município. Ênfase que a não realização dessa aula-visita foi por falta da liberação do transporte seguro para o traslado dos(as) alunos(as), muito embora existisse no município um transporte nesse padrão de segurança. Posto isso, vale destacar, afinal, interferiram negativamente no trabalho, as concepções equivocadas por parte de “alguns(as)”, afirmando que a aprendizagem ocorre somente na escola, no âmbito da “sala de aula” e que os trabalhos/culturas/identidades do campo/roça não são princípios educativos; neste sentido, lanço mão do que diz Boaventura de S. Santos, (2002, p. 245): “[...] a pobreza da experiência não é expressão de uma carência, mas antes a expressão de uma arrogância de não querer ver e muito menos valorizar a experiência que nos cerca [...]”. Quanto aos(às) estudantes, percebi um desejo de continuação das descobertas. Vários alunos(as) relataram que tinham pedido aos pais para conhecerem uma outra Casa de Farinha. Alguns(Algumas) fizeram essa viagem. Eu recebi o retorno de pais e alunos(as) cheios de contentamento.

3. À guisa de conclusão

Como mulher da roça, senti-me instigada a continuar – junto aos meus familiares – cultivando, beneficiando a mandioca de forma agroecológica; isto significa também cuidar da Casa de Farinha aqui de casa. Como docente, senti-me ainda mais motivada a desenvolver outras sequências didáticas, novas contextualizações, outras investigações acerca do resgate cultural, buscando escrever/guardar memórias afro-sertanejas.

Assim, continuo na labuta, planejando e propiciando aos(às) estudantes aulas de campo e entrevistas com os mais velhos da Comunidade, convidando os(as) agricultores(as) para o centro da sala de aula – a fim de que possam compartilhar suas vivências, suas práticas. E, por consequência, vou sendo formada na própria experiência de ser e sentir docente numa região semiárida com especificidades tão particulares. Pois, conforme Souza (2018, p. 35), “[...] a formação acontece a partir da experiência pessoal do sujeito que se entrecruza com as experiências profissionais.”. Nessa perspectiva, utilizo metodologias contextualizadas que fazem sentido para mim, para os(as) estudantes, para

os seus familiares e para o lugar no qual a escola está inserida. Finalmente, procuro valorizar a “Ecologia de Saberes” (SANTOS, 2002), fomentando os princípios da Educação do Campo, afinal, segundo Benjamin e Caldart (2000, p. 48), quando a escola “[...] se desvincula da realidade [...] ela escolhe ajudar a desenraizar, e a fixar seus educandos num presente sem laços [...], isto quer dizer que, estas pessoas estão perdendo mais uma de suas chances (e quem garante que não a última?).”.

Acredito que a minha inquietação com algumas questões, aproxima a minha docência ao legado Freiriano, isto porque instigar os(as) meus(minhas) alunos(as) a buscarem o conhecimento de si e de suas histórias passa pelo ensino além-muros. Tocada pela beleza da diversidade que é própria do nosso campo/roça, busco em Freire (2003, p. 47), entender que “[...] saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”. Essa motivação pode ser realizada por nós professores(as), compreendendo que trabalhar as vivências é oportunizar a comunicação e a emancipação do ser.

Referências

- BENJAMIN, C.; CALDART, R. S. **Projeto Popular e Escolas do Campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2000.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- MALVEZZI, R. **Semiárido: uma visão holística**. Brasília: CONFEA, 2007.
- RIOS, J. A. V. P. **Ser ou não ser da roça, eis a questão: identidades e discursos na escola**. Salvador: EDUFBA, 2011.
- SANTOS, J. L. dos. **O que é Cultura**. Coleção Primeiros Passos. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTOS, B. de S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 63, p. 237-280, out. 2002. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF. Acesso em: 01 set. 2020.
- SILVA, A. M. A. da; SOUZA, A. J. de. Negra da roça: andanças em primeira pessoa. In: CONGRESSO NACIONAL UNIVERSIDADE, EAD E SOFTWARE LIVRE – UFMG. **Anais eletrônicos** [...], v. 1, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/17013>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- SOUZA, A. J. **Identidades e cultura afro-brasileira na docência da roça: documento de referência para a educação básica**. 2016. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Diversidade) – Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Jacobina, 2016.
- SOUZA, A. J. de. **O já-dito e não-dito acerca das identidades e cultura afro-brasileira: histórias de vida-formação-profissão dos docentes de classes multisseriadas**. Curitiba: Editora CRV, 2018.
- SOUZA, A. J. de; SOUZA, H. F. **Educação no/do campo: entre o concebido, percebido, vivido**. Curitiba: Editora CRV, 2020.